

Missão Especial

31. 1. 67

RUBEM BRAGA

CIRCULOU muito a tese de que a Lei de Imprensa foi lançada pelo governo como um boi às piranhas. Aquela famosa história de jogar um boi doente no rio para que as piranhas famintas o devorem rio abaixo, enquanto a boiada passa em sossêgo. As piranhas somos todos nós, que nos lançamos contra a lei; a boiada é a Constituição, é a Lei de Segurança, tudo o que vem por aí.

Na verdade está o presidente Castelo Branco novamente em pleno uso de seus poderes de fazer leis, cassar mandatos, suspender direitos políticos — tudo o que permite o Ato Institucional número 2. Até 15 de março ele poderá tudo, de acordo com a lei feita por ele mesmo.

Mas poderá de verdade? A luta contra a Lei de Imprensa mobilizou e uniu tanta gente que teve o condão de modificar o ambiente. Os mais tímidos saíram do silêncio e do medo, e a revolta dos jornalistas contagiou os parlamentares e o mundo político. A repercussão no exterior foi tão forte que baixou, merecidamente, a imagem do atual regime ao nível das piores ditaduras de militares subdesenvolvidos.

As piranhas comeram o boi e mostram apetite para comer a boiada. É verdade que a nova Constituição mantém alguns dos mais lamentáveis dispositivos do projeto original; mas caiu muita coisa, e se formou a convicção de que não apenas é preciso como é possível reformá-la quanto antes — convicção tão forte que chegou a invadir consciências da ARENA...

— * —

Vou contar uma história verdadeira; não darei os nomes porque acho que não vale a pena.

O diretor ou secretário-geral de um Ministério, por indicação de seu chefe de gabinete, mandou chamar um delegado de Polícia conhecido como violento e valente para certa missão especial. O policial, que no momento está sem Delegacia, acorreu ao chamado. O homem explicou o que desejava. Havia em seu Ministério alguns cavalheiros de que suspeitava terem certas fraquezas e vícios. Ele queria aproveitar o regime de exceção para afastar essa gente. Mas precisava, para isso, de flagrantes, que comprovassem a escabrosa inclinação dos tais funcionários...

O policial ficou um momento em silêncio, e explodiu:

— «O senhor está maluco? Foi para isso que me mandou chamar? Pois fique sabendo que eu não sou fiscal dessas coisas!».

É claro que no lugar de «dessas coisas», ele usou uma palavra mais precisa e expressiva.

Conto esta historietta autêntica e recente para mostrar que mesmo o mais atrabiliário regime policial não pode tudo. Dentro da própria Polícia, entre os policiais honestos, ele esbarra com oposição e repulsa. É verdade que há gente para qualquer papel; mas em certos momentos é difícil encontrá-la...

DN - 31. 1. 67

227